

PROFESSOR LÚDICO: A ARTE DE SUPERAR DESAFIOS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vera Lúcia da Encarnação Bacelar¹

Resumo: *Este ensaio suscita algumas reflexões acerca dos desafios inerentes à prática do professor e aponta alguns saberes necessários para o enfrentamento e superação das dificuldades, especificamente, na prática da educação infantil. Destaco a importância da arte e da ludicidade na formação e prática do professor, pois apresentam possibilidades de expressão e comunicação fundamentais para a relação educador/educando e, conseqüentemente, para o desenvolvimento de ambos. Minha experiência enquanto educadora atuante em Educação Infantil² aliada aos estudos que venho desenvolvendo no GEPEL³ e na disciplina Arte Ludicidade e Formação do(a) Educador(a)⁴, estimularam a construção das idéias aqui apresentadas.*

Palavras-chave: Prática docente; Educação infantil; Arte e ludicidade

INTRODUÇÃO

O professor da contemporaneidade, pelo menos em algumas nações, dentre elas o Brasil, está imerso numa séria e desafiadora tarefa: educar indivíduos de uma sociedade onde o conhecimento racional cognitivo tornou-se a única meta, com vistas a uma aprovação no vestibular, em detrimento de outras capacidades e habilidades que deveriam fazer parte do programa de educação de toda instituição educacional, por integrarem as dimensões do ser humano, que não se reduz ao desenvolvimento cognitivo, racional, informativo. Infelizmente, nem a esta dimensão mental, a que se propõe os referidos programas, a escola tem correspondido satisfatoriamente, considerando-se as lacunas de conhecimento e cultura dos nossos jovens e adultos atualmente.

Para o educador da educação infantil, especificamente da creche, essa realidade chega a ser angustiante, levando-o, freqüentemente, ao desestímulo, à baixa auto-estima, somatizações e até ao abandono da carreira. Contudo, o quadro freqüentemente avaliado com muitas críticas negativas ao professor, não pode ser de responsabilidade apenas deste. O professor é, muitas vezes, apenas uma vítima de um sistema que vem cada vez mais sendo negligenciado em todos os aspectos, desde a falta de recursos humanos e materiais até a falta de políticas públicas condizentes com as características de um Brasil tão rico em diversidade, da arte, saberes, cultura, geografia, tradições etc.

Diante das dificuldades do professor (falta de materiais, falta de condições adequadas, falta de apoio emocional etc), resta-lhe uma saída: conviver driblando a falta, se quiser continuar sobrevivendo na sua profissão. Parece um pouco de exagero, ou muito, mas é o que acontece, com poucas variações.

¹ Graduada em Pedagogia, Mestranda em Educação pela [Universidade Federal da Bahia](http://www.ufba.br). veraleb@ufba.br

² Creche da Ufba desde 1997.

³ Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação e Ludicidade, da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

⁴ Disciplina oferecida pelo Programa de [Pós-Graduação](http://www.ufba.br) em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Superar as dificuldades é um desafio constante e pode ser mais fácil se a arte e a ludicidade estiverem presentes. E é como a arte e a ludicidade podem contribuir nesse processo de educar crianças na creche, que pretendo discorrer neste ensaio.

DESAFIOS E SABERES

Frente às inúmeras dificuldades do nosso sistema educacional, de maneira geral, e especificamente, na educação infantil, as responsabilidades recaem muito na pessoa do professor, que fica diante da realidade com a qual tem que encontrar saídas de emergência para manter o sistema em funcionamento, na maioria das vezes, sem a menor condição.

Concordo plenamente com Schon quando diz que:

é preciso investir positivamente os saberes de que o professor é portador, trabalhando-os de um ponto de vista teórico e conceptual. Os problemas da prática profissional docente não são meramente instrumentais; todos eles comportam situações problemáticas que obrigam decisões num terreno de grande complexidade, incerteza, singularidade e de conflitos de valores. (apud NÓVOA, 2002 p. 59)

E Nóvoa (2002), acrescenta: “As situações que os professores são obrigados a enfrentar (e a resolver) apresentam características únicas, exigindo portanto respostas únicas”. (p. 59)

E como se não bastassem os desafios inerentes à própria tarefa de educar, nos deparamos ainda com a falta de condições generalizada na rotina do professor, que estão relacionadas às condições de trabalho e condições salariais; às relações com colegas e hierarquias superiores; às relações com a família dos educandos e com a sociedade de modo geral. Associada a todas essas dificuldades estão as lacunas na sua formação, que normalmente é muito limitada e dissociada da realidade, não trabalhando os saberes necessários para uma prática condizente com as necessidades dos educandos.

Os saberes docentes, segundo Tardif (2002) envolvem os saberes curriculares, os disciplinares e os experienciais. Ele afirma que

o professor ideal é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à Pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com seus alunos. (p.39)

Independentemente dos conhecimentos que o professor precisa adquirir, estes, por si só, não contribuem muito com a sua atuação se estiverem isolados de outros saberes, mesmo que o professor domine teoricamente todos eles. Isso porque, mais do que *saber* é preciso *vivenciar*. E esta associação entre saber e viver, pode trazer um diferencial nos resultados da sua prática que justifica um investimento nessa busca. É um desafio que está posto não apenas para o processo de formação dos educadores, mas também para que ele esteja apto a propor para seus educandos atividades e conhecimentos onde saber e viver estejam juntos. Mais uma vez cito Tardif (2002): “o saber transmitido não possui, em si mesmo, nenhum valor formador; somente a atividade de transmissão lhe confere esse valor” (p.44). Portanto, se esse saber não é transmitido de forma significativa, de maneira que o educando possa experimentar, vivenciar por meio das diversas dimensões do seu ser (física, emocional, cognitiva, espiritual), possivelmente, esse saber poderá contribuir pouco para sua formação de educadores e educandos.

Pensando nas dificuldades inerentes ao próprio educar, precisamos considerar que a educação infantil exige do professor mais do que uma formação especializada. Exige, obviamente, habilidades relacionadas à capacidade técnica, mas, principalmente, requer sensibilidade e percepção associadas a uma habilidade de comunicação que é anterior aos

códigos formais da linguagem falada e escrita. Esta comunicação está permeada de conteúdos subjetivos, que precisam ser entendidos por uma via que nem sempre conseguimos abarcar através dos conhecimentos científico-intelectuais.

Em função da especificidade de estabelecer comunicação com crianças pequenas e que ainda não falam, aliada às dificuldades acima citadas, o professor de educação infantil precisa constantemente criar alternativas de superação dos desafios.

É de grande relevância que ele tome consciência da sua responsabilidade, mas também, da responsabilidade dos pais, da família, diretores, políticos, a fim de não trazer para si o que é da competência de outros. Isso significa que, a responsabilidade por não estar realizando um trabalho como deveria ser, não é só responsabilidade sua. Contudo, no que estiver dentro do seu limite de atuação ele deve fazer sempre o melhor.

Para fazer sempre o melhor, é preciso preencher as lacunas da sua formação buscando o conhecimento que lhe falta: isso sempre. A atualização traz um suporte importante não só para o trabalho junto às crianças, como também para saber reivindicar junto às autoridades competentes os direitos que lhe cabe. Para isso, é imprescindível se organizar com os colegas e se fortalecer enquanto categoria, a fim de conquistar melhorias: de condições de trabalho, condições para formação continuada e relações trabalhistas.

E estará fazendo o melhor, se estiver produzindo algo que identifique como importante, algo que permita fazer contato com coisas significativas para si próprio enquanto pessoa. Que a sua atividade de professor esteja ancorada em um sentido maior na sua filosofia de vida, e que seu sentimento de crescimento pessoal esteja presente. Nessas condições, as dificuldades não deixam de existir, entretanto, a motivação para superá-las oferece a força e perseverança capazes de superação dos desafios. Esse caminhar, que é árduo, ganha novas configurações na medida que nos conectamos com a ludicidade.

LUDICIDADE, ARTE E COMUNICAÇÃO

Ludicidade, como experiência interna, é uma abordagem discutida por Luckesi (2002), que nos faz entender e diferenciar atividade lúdica de vivência lúdica. A atividade é o que realizamos como brincadeira, passatempo, lazer etc. A vivência é o que se passa internamente enquanto realizamos a atividade. São os sentimentos de alegria, tristeza, raiva, ternura, paz, saudade, etc. A mesma atividade realizada em um grupo pode motivar, diferentemente, a vivência das pessoas envolvidas. Pode até provocar vivências diferentes na mesma pessoa quando realizada em outras condições ou outro tempo.

Segundo Luckesi (2002) a ludicidade enquanto uma vivência interna, ou seja, uma vivência lúdica, no momento de uma atividade lúdica, não admite divisão; a nossa atenção e presença é inteira, sem dispersão. Corpo, mente, emoção estão integrados. Entretanto, segundo este mesmo autor, “ludicidade é um fenômeno interno do sujeito, que possui manifestações no exterior”. (p. 26)

O contato com as dimensões emocional, mental, espiritual de forma integrada, que a ludicidade proporciona, nos leva a estabelecer conexões importantes com o nosso próprio ser, abrindo os canais para comunicação com o exterior, e portanto, numa situação educacional poderemos manter uma comunicação mais efetiva entre educadores e crianças. Isso se o educador estiver atento aos sinais que a criança expressa, seja com o choro, o sorriso, o brilho do olhar, a vivacidade ou não dos seus movimentos, a sua interatividade com os colegas etc.

Da qualidade de comunicação que estabelecermos com as crianças dependerá o atendimento às suas necessidades enquanto um ser em desenvolvimento que ainda não consegue expressar, através da linguagem oral, seus desejos, dores, tristezas, alegrias,...

A arte, seja plástica, dramática, dança, música etc. também permite ampliar a nossa percepção sensível da expressão do outro, porque mesmo considerando os códigos existentes

para esta expressão no campo profissional, por exemplo, a arte está muito relacionada à dimensão estética, emocional e sensível do ser humano. Ela acessa algo que está para além dos códigos, tanto em quem realiza a arte, quanto em quem a aprecia. Reconhecer sua importância enquanto uma linguagem, assim como a falada e a escrita, no desenvolvimento da criança é poder contribuir muito para o processo educacional.

As atividades de desenho, pintura, a dança espontânea, os jogos protagonizados, são excelentes atividades que, além de serem expressões da arte, podem ser vivenciadas ludicamente pelas crianças e/ou vivenciadas pelas crianças e o educador concomitantemente. Nesse sentido, a arte pode se configurar num meio de expressão e comunicação muito rico para o processo educativo.

A comunicação que se estabelece a partir da leitura que o professor faz da expressão corporal e estética da criança e esta, do professor, possui uma estreita relação com a capacidade de perceber o outro, através de uma linguagem onde os códigos são construídos e conhecidos ao longo da convivência, da intimidade nas relações únicas que se constroem entre: educador e educando; educador e os educandos; entre educandos. Essa linguagem, que está diretamente relacionada com a expressão interior, pode ser sinalizada através de gestos, olhares, ritmo e forma de movimentos do corpo etc. É uma linguagem que ainda precisamos valorizar mais, no sentido de dar mais atenção ao que está sendo exposto pela criança e a mensagem que o adulto está lhe transmitindo. Esta expressão tem grande força, em se tratando de crianças pequenas. E nós, freqüentemente, prestamos mais atenção às palavras do que aos outros meios de comunicação. É importante reconhecer que ambas são importantes e complementares.

Quando somos crianças estamos mais abertos a esta comunicação. Basta observamos as crianças brincando que percebemos como elas se comunicam... Mas, ao longo da vida vamos nos distanciando desta habilidade de entender o outro, principalmente se as palavras não estiverem claramente expressas. Por isso, às vezes temos dificuldades para mantermos contato com as crianças de forma mais significativa. Com a mãe, este diálogo acontece de maneira mais afetiva, em função da ligação emocional. Linhares (2003) trata desta questão, dizendo que

o campo expressivo do outro (e não só o discurso que é a palavra) precisa ser relido e recepcionado de um modo ativo. Nosso potencial expressivo criador vai sendo, desde a escola, esvaziado e, em seu lugar, põe-se o sujeito alheado de si, padronizado na própria esfera do sentir, desde a infância. (p. 206)

E esse potencial expressivo vai dando espaço para a sensibilidade intuitiva, como diz Maffesoli (1998), referindo-se à intuição e aspectos racionais da vida; à vivência e experiência; e ao ato de apreendê-los intelectualmente:

Trata-se de revitalizar a razão pura porque o mundo das formas é um mundo plural, complexo e porque induz, justamente em função desse pluralismo, ao relativismo gnoseológico. Por isso mesmo fica-se ligado à experiência, reconhece-se que a razão, não importa o que pensem os defensores do racionalismo, é construída a partir de uma intuição inteligente. (p. 140)

E é essa intuição que, ao longo da nossa história de vida, vamos desenvolvendo ou sufocando, sobre um lastro de subjetividades pessoais. Esta subjetividade, segundo Merleau-Ponty (1999), está relacionada com a subjetividade do outro, nas experiências do presente que retomam e atualizam as experiências passadas.

Nessa perspectiva, tanto o potencial expressivo dos educandos, quanto o dos educadores, são plenos de significados peculiares à experiência vivida por cada um. Então, a relação vai se construindo de maneira mais consistente e criativa, se é dado o espaço para a expressão e

compreensão dessas subjetividades, respeitando-se as características individuais de cada educando.

Estar atentos à subjetividade da criança nos ajuda a entender o seu processo de desenvolvimento e relações com o meio e com as pessoas a sua volta, e assim, poderemos nos fazer entender e entendê-las melhor.

Através das atividades artísticas, as crianças podem expressar seus sentimentos, podem revelar conflitos, liberar angústias, ansiedades, emoções... e para o educador atento, a observação e percepção desses conteúdos será de grande valia para propor caminhos para os educandos encontrarem o entendimento e, quem sabe, soluções para seus conflitos, se for o caso. Se essas atividades artísticas são vivenciadas de forma que as crianças sintam prazer, de forma que elas estejam presentes e felizes, então essas atividades artísticas estarão sendo lúdicas.

O SABER SUBJETIVO DA EXPERIÊNCIA

Como afirma Maffesoli (1998),

assim que se adentra o domínio do humano, a simples abordagem objetiva deixa de ser completamente, ou unicamente, operatória. É necessário acrescentar-lhe o elemento subjetivo e intersubjetivo capaz de lançar uma nova luz sobre a investigação”. (...) Há uma ambiência amorosa em nossas sociedades. Ela não é mais o feito exclusivo das relações privadas; pelo contrário, engloba amplamente a esfera pública, e é permanecendo fixado numa atitude racionalista que se corre o risco de nada compreender das conseqüências cotidianamente induzidas por tal ambiência (p.143).

Urge a necessidade de tomarmos consciência e agirmos de acordo com essa realidade: a emoção e o sentimento estão permeando nossas relações e, conseqüentemente, devemos considerá-los sempre presentes, nas atitudes e reações, buscando integrá-los ao nosso modo de analisar as situações, realizar planejamentos e avaliações, e principalmente, atuarmos positiva e construtivamente.

Na ambiência da Educação Infantil, o que mais podemos constatar é a forte manifestação emocional. A criança expressa sua emoção de variadas formas, contudo, muitas vezes não estamos preparados para interpretar sua forma peculiar de se comunicar e não conseguimos identificar os códigos utilizados por ela, portanto, não a compreendemos.

Entretanto, se estivermos com predisposição interior, para além do lógico-racional, talvez possamos sentir, perceber, intuir algo que a criança está expressando, o que poderá ajudar a encaminharmos para alguma direção mais acertada, as atividades que se fazem necessárias na situação.

Talvez, esta atitude e comportamento vá de encontro a muitas teorias ditas científicas, mas diante da nossa realidade, onde tudo nos falta, este ainda é um dos caminhos de superação e resolução dos problemas enfrentados pelo professor de educação infantil: uma percepção intuitiva, aliada a um saber técnico. A improvisação, que é tão presente nas artes dramáticas principalmente, também é muito vivenciada pelo professor de educação infantil na creche. E para improvisar, é preciso dominar habilidades, conhecimentos, ter sensibilidade e intuição trabalhadas. Não será a isso que Maffesoli (1998) chamou de intuição inteligente?

E saber improvisar é uma arte que o professor adquire na prática. Tardif (2002) ressalta a importância do saber experiencial

como núcleo vital do saber docente, núcleo a partir do qual os professores tentam transformar suas relações de exterioridade com os saberes em relações de interioridade com sua própria prática. Nesse sentido, os saberes experienciais

não são saberes como os demais; são, ao contrário, formados de todos os demais, mas retraduzidos, ‘polidos’ e submetidos às certezas construídas na prática e na experiência. (p.54)

É uma aprendizagem que se realiza e se aprende a cada dia, a todo momento. E na medida que estimularmos as crianças, não somente a adquirir os conhecimentos construídos e acumulados historicamente, como também, a manter contato com sua própria subjetividade e com a subjetividade dos outros, estaremos valorizando uma ambiência onde possamos estabelecer relações significativamente positivas, contribuindo para sua autonomia e o desenvolvimento de sua personalidade de forma equilibrada.

As palavras de Duarte Júnior (2003), de forma muito poética, fala sobre esta questão:

Uma educação do sensível, da sensibilidade inerente à vida humana, por certo constitui o lastro suficiente para que as naus do conhecimento possam singrar os mares mais distantes de nossas terras cotidianas, como os oceanos da matemática ou da mecânica quântica. Inevitavelmente, após viajarmos por tais paragens longínquas acabaremos sempre por retornar aos nossos portos do dia-a-dia, nos quais convivemos com outros marinheiros e companheiros de jornada, tendo de trocar, com eles, e com a paisagem ao redor, informações e procedimentos que precisam nos tornar mais humanos e menos predadores. (p.181)

É tão belo quanto premente que sigamos nesta direção. É notório que sozinhos, isoladamente, não conseguiremos grandes mudanças. Esta meta se configura em um movimento coletivo, entretanto, começa necessariamente com a nossa consciência e nossa mudança enquanto indivíduos, co-autores de uma construção conjunta.

Isso exige de cada um de nós uma mudança perante a vida. Uma mudança de atitude diante das situações, dos objetos, dos ambientes, das pessoas de forma ativa e consciente. A arte oferece os meios para essa viagem. E a ludicidade, numa perspectiva de experiência interna, pode nos dar o suporte para essa vivência de integração.

CONCLUINDO...

A tarefa do professor da Educação Infantil apresenta, em suas especificidades, muitas dificuldades a serem superadas: a faixa etária dos educandos exige uma comunicação através de códigos não usuais no nosso cotidiano, que envolve muita subjetividade e sensibilidade.

O professor não recebe durante a sua formação nenhum preparo para estabelecer esta comunicação, sem a qual poderá comprometer o processo educacional nessa etapa essencial do desenvolvimento humano.

Não é uma tarefa fácil, pois as dificuldades são de toda ordem, mas possível se o educador buscar alternativas para vivenciar uma relação significativa com as crianças, permitindo que a ludicidade esteja presente nas interações realizadas pelas crianças, sejam elas com os objetos de conhecimento ou com as pessoas à sua volta.

Ser um professor lúdico significa vivenciar e permitir, como diz Luckesi (2002), a vivência da ludicidade enquanto experiência interna que leva o indivíduo a integrar as dimensões: corpo, mente, sentimento, possibilitando a plenitude da experiência dos seus educandos.

E essa vivência pode ser enriquecida tal como o artista o faz na realização da arte: a cada dia buscando conhecer, viver e realizar com maior perfeição a sua obra.

REFERÊNCIAS

DUARTE JUNIOR, João F. *O Sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar, 2004. p.161-209.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. A consciência reificada ou de como na história gente vira coisa e coisa fica parecendo gente. In. LINHARES, Ângela Maria Bessa, *O Tortuoso e Doce Caminho da Sensibilidade: um estudo sobre a arte e educação*. 2.ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2003. p. 173-228.

LUCKESI, Cipriano. Educação, Ludicidade e Prevenção das Neuroses Futuras: uma proposta pedagógica a partir da biossíntese. In LUCKESI, Cipriano (org.) *Ludopedagogia* Ensaios 1. Salvador: UFBA/FACED/Programa de Pós-Graduação em Educação. V. 1. 2000 . p 10-41.

_____. Ludicidade e atividades Lúdicas: Uma abordagem a partir da experiência interna. In Porto, Bernadete de Souza. *Ludicidade: o que é mesmo isso?* Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação; GEPEL, 2002. p 22-60.

_____. Estados de Consciência e Atividades Lúdicas. In *Educação e Ludicidade: ensaios 03 onde acontece?* Organizado por Bernadete de Souza Porto. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação; Gepel, 2004. pp.11-40.

MAFFESOLI, Michel. A intuição. In. MAFFESOLI, Michel. *Elogio da razão sensível*. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruk. Petrópolis, RJ Vozes, 1998. p.130-146.

MATURANA, Humberto R. e VERDEN-Zöller. *Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athenas, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

NÓVOA, Antônio. *Formação de Professores e Trabalho Pedagógico*. Lisboa: Educa, 2002.

TARDIF, Maurice. Os professores diante do saber: esboço de uma problemática do saber docente. In. TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 31-55.